

ANGOLA PROTESTA

COM MÁGOA E REPULSA CONTRA A ATRIBUIÇÃO DE UM PRÊMIO LITERÁRIO A UM TERRORISTA

LUANDA, 20 (Pelo telefone) — Angola ficou espantada e indignada. Não compreende a atitude da Sociedade dos Escritores Portugueses nem a posição do júri que atribuiu o prémio de «novelística» deste ano nem a finalidade que se pretendeu alcançar com tão insolito procedimento. Premiou-se um responsável directo dos morticínios de mulheres e crianças e horrendas cenas de cannibalismo. Foi isso o que o júri fez, partilhando de certa maneira da sangrenta traição de um renegado odiado.

Com efeito, o indivíduo que o júri preferiu é um fautor do terrorismo criminoso e de algum modo responsável pelo assassinato de milhares de portugueses de todas as etnias no Norte de Angola. Num tribunal militar, após demoradas audiências, ficou individualmente demonstrada a culpabilidade do indivíduo agora laureado pela Sociedade Portuguesa dos Escritores. Este facto, entre as gentes de Angola — na realidade preparada para suportar as mais chocantes incompreensões — não pode, mesmo assim, passar despercebido sem que unanimemente se levantem protestos.

Por outro lado os meios conhecidos por meios intelectuais de Angola, conhecedores há dias, antes de se anunciar a decisão do júri, da suspeita atribuição, contestam vivamente qualquer mérito da obra em causa. Não obstante verificar-se, logo a seguir ao conhecimento da atribuição do galardão, a mais completa e desdenhosa indiferença, o livro premiado jamais poderá, por qualquer forma, integrar-se em qualquer tipo de literatura, mesmo pretensamente angolana. Dada a sua linguagem absurda, destituída de qualquer significado literário, coloca a Sociedade de Escritores Portugueses num beco sem saída cujos prejuízos para a cultura são de momento imprevisíveis. Escrito na grafia da língua oral dos «muceques», desprezando quaisquer regras de ortografia quer do português quer de qualquer dos dialectos tradicionais de Angola, a atribuição de um prémio nacional — com dinheiro da Guibenkian — a tal cho-carriço não pode deixar de levar a supor que se está em presença de um acto gratuito por parte de um júri tendencioso ou irresponsável. Angola protesta, com mágoa e repulsa. E algum desprezo também. E a

opinião pública responsável começou já a levantar a sua voz.

Num artigo de fundo hoje publicado pelo «Diário de Luanda», este jornal pergunta: «Que é isto?», «Quem nos está traido?».

E conclui:

«Aqui em Angola todos nos sentimos afrontados, tomados de indignação! É uma afronta! Afronta para os nossos soldados! Afronta para todos os que em Angola permanecemos para que Portugal aqui continue. Ousamos dizer que se nos deve uma reparação. Não vale a pena continuar a resistir se a traição nos apunhala pelas costas. Que alguém o pode fazer sem repressão nem sequer desaprovação. Por nossa parte, como Portugueses e angolanos, protestamos, protestamos, protestamos!» — (L.).

Comunicado da Fundação Guibenkian

Com o pedido de publicação, recebemos o comunicado seguinte:

«O Conselho de Administração da Fundação Calouste Guibenkian torna público:

1.º) Os Grandes Prémios de Poesia, Teatro, Novelística e Ensaio, da Sociedade Portuguesa de Escritores, foram por esta instituídos com o patrocínio da Fundação, em 1961;

2.º) A Fundação não tem, nem nunca teve, qualquer intervenção, directa ou indirecta, na constituição dos júris que atribuem os prémios e nas suas resoluções;

3.º) Essas resoluções só lhe são comunicadas depois de definitivamente tomadas e não carecem da homologação da Fundação para serem válidas e executórias;

4.º) Assim, a Fundação limita-se a subsidiar uma instituição cultural portuguesa, legitimamente constituída e em plena actividade, na realização de um dos seus fins estatutários;

5.º) Do anteriormente exposto resulta que a Fundação não tem qualquer responsabilidade pela maneira como têm sido atribuídos os referidos prémios;

6.º) Tendo, porém, em atenção certas circunstâncias vindas a público a propósito da atribuição, no ano corrente, de um dos ditos Prémios, a Fundação não deixará de terer a sua política em matéria de patrocínio de prémios a atribuir por outras entidades, em ordem a evitar, se possível, que a atribuição eventualmente se realize com desvio dos fins que ela tem em vista ao patrociná-los».

Telegrama de repulsa da Associação dos Naturais de Angola

LUANDA, 21 — Recebemos hoje extraordinariamente a direcção da Associação dos Naturais de Angola que, perante a insólita atitude da Sociedade Portuguesa de Escritores em atribuir o prémio literário de «novelística» a José Vieira Mateus, terrorista condenado por um tribunal de Luanda a 14 anos de prisão, deliberou enviar o seguinte telegrama ao prof. Silva Cunha, ministro do Ultramar:

«O corpo directivo da Associação dos Naturais de Angola, reunido extraordinariamente, depois de ouvidos os seus associados de maior prestigio, deliberou unanimemente solicitar a Vossa Excelência que se digne ser intérprete junto de Sua Excelência o Senhor Presidente do Conselho da repugnância e do mais veemente protesto dos

autênticos portugueses naturais desta província contra a antipatriótica decisão do júri da Sociedade dos Escritores que suintitula portuguesa, atribuindo o prémio pecuniário a favor do terrorista e traidor José Vieira Mateus Graça. Tal facto identifica aquele júri com os inimigos de Portugal a menos que se retrate imediatamente anulando a sua decisão que queremos pressupor assente na ignorância do «currículum vitæ» do autor oculto sob pseudónimo.

A Anagola deliberou também abrir nas colunas do «Jornal de Angola» uma subscrição até ao montante igual aquele conspurcado prémio para ser repartido pelas famílias dos caídos em defesa da nossa Pátria eterna e bem portuguesa em Março de 1961.

Respeitosos cumprimentos reafirmando a nossa lealdade.

Em nome da Associação dos Naturais de Angola, o presidente Augusto Pito-Grós Dias, — (L.).